

QUEM VOTA NA ÁFRICA? UM TESTE DO MODELO DO CULTURALISMO CÍVICO

ACRÍSIO VICTORINO¹; ÁLVARO BARRETO²

¹Universidade Federal de Pelotas – acrisio.victorino@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – albarret.sul@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca levantar de forma comparada um conjunto de questionamento em torno dos fatores que influenciam a participação eleitoral, nas eleições realizadas em países africanos. Trata-se de uma questão fundamental na medida em que alguns desses países têm elevadas taxas de participação eleitoral e por consequência menor taxa de abstenção, enquanto outros têm taxas de participação que dificilmente atingem 35% da sua população em idade eleitoral¹.

Schlozman, Verba e Brady, no livro “Unequal and Unrepresented Political: Inequality and the People’s Voice in the New Gilded Age”, publicado em 2018, apresentam uma estrutura teórica fundamental para explicar a participação política. Essa estrutura foi publicada inicialmente no livro dos autores “Voice and Equality: Civic Voluntarism in American Politics”, publicado em 1995. Os autores iniciam invertendo a pergunta tradicional “por que as pessoas são ativas na política?” para “Por que as pessoas não participam na política”. Posto isso, apresentaram três respostas: porque não podem, porque não querem ou porque ninguém perguntou. Em outras palavras, a compreensão do processo participativo assenta em três fatores principais: motivação, recursos e redes de recrutamento. Schlozman et al. (2018) utilizaram esse modelo para explicar diferentes formas de participação política nos Estados Unidos. Mas este quadro foi explicitamente concebido como um “roteiro para a compreensão da participação política em qualquer democracia” (Verba et al., 1995, p. 25). Não esperamos que os cidadãos africanos se comportem de maneira fundamentalmente diferente dos eleitores de outros continentes.

O modelo de *status* socioeconômico (SES) da participação eleitoral tem demonstrado consistentemente que a renda e a educação estão positivamente associadas à participação eleitoral (Brady, Verba e Schlozman, 1995). Outro recurso individual essencial é a experiência política. Muitos estudos demonstram que os cidadãos mais velhos tendem a votar mais do que seus homólogos mais jovens (Leighley e Nagler, 1992; Wolfinger e Rosenstone, 1980; Niemi e Barkan, 1987).

Nem todos os cidadãos que têm a capacidade de votar vão às urnas no dia da eleição. Um fator explicativo chave no modelo de Verba et al. (1995) é a motivação. Os indivíduos que estão interessados em debates políticos e que têm conhecimento político suficiente para entender o que está em jogo são mais

¹ A referência é aos eleitores inscritos e que não se fizeram presente no ato de votação.

propensos a participar nas eleições. Evidências de pesquisas demonstram que a satisfação com a democracia e a confiança nas instituições políticas influencia na participação eleitoral (Norris, 2002; Smith, 2009; Kuezi e Lambright, 2010). Outro fator motivacional fundamental é a percepção da integridade eleitoral. A maioria das eleições africanas são descritas como razoavelmente livres e justas por agências internacionais de observatório eleitoral.

A informação política também pode afetar a motivação dos cidadãos para participarem das eleições. De acordo com Ghirardato e Katz (2002), os cidadãos mais informados são mais propensos a votar, porque se sentem mais confiantes sobre as suas escolhas eleitorais. Outro fator motivacional importante é a eficácia política, descrito como a percepção que os cidadãos têm de serem capazes de atuar efetivamente na arena política. Os cidadãos eficazes percebem que são capazes de influenciar o governo e a política (Craig e Maggiotto, 1982). Como resultado, eles podem estar mais motivados para ir às urnas no dia da eleição.

A variável final a ser considerada em relação a perspectiva motivacional é a identificação partidária (IP). De acordo com Campbell, Converse, Miller e Stokes (1960), a IP funciona em muitas ocasiões como um “atalho” para os eleitores, possibilitando-os compreender os debates políticos e escolher as diferentes opções eleitorais. Assim, cidadãos com identificação partidária são mais propensos a participarem das eleições.

Os recursos e a motivação são determinantes importantes da participação. Mas o contexto em que os cidadãos estão imersos também é fundamental para compreender a participação eleitoral. Todas as outras coisas sendo iguais, os cidadãos que estão imersos em redes de recrutamento político são mais propensos a ser mobilizados para votar.

No contexto norte-americano, a presença da igreja parece ser especialmente relevante como um fator que aumenta o engajamento político de cidadãos “não sofisticados” (Verba et al., 1995). Klesner (2007), demonstra que o maior envolvimento em organizações não-políticas também leva a maior participação em atividades políticas nos países da América Latina. Kuenzi e Lambright (2010) mostram que a adesão a organizações voluntárias tem um impacto positivo na participação eleitoral nos países africanos. Em consonância com esses estudos anteriores, esperamos que os cidadãos africanos imersos em ricas redes sociais tenham maior probabilidade de participar de eleições. A probabilidade de votar deve aumentar quando os indivíduos têm um emprego estável na economia formal, participar de organizações voluntárias, e frequentar a igreja regularmente. Outra variável que ser considerada é o local de residência. A pressão social para participar pode ser sentida com maior intensidade em áreas rurais, além disso, as condições para a mobilização política através de redes de políticas clientelistas são mais favoráveis em áreas rurais, de acordo com Hoffmann-Martinot (1994); Carreras e Castañeda-Angarita (2014); Kuenzi e Lambright (2010). Deste modo, as eleições são consideradas mais pessoais em áreas de baixa densidade populacional (DAVIS, 1991).

2. METODOLOGIA

Para elaboração das nossas variáveis, contamos com dados de nível individual do *Afrobarometer* de 2015 para 95.345 entrevistados em 28 países Africanos. E com

dados de nível agregado, extraídas do *African Elections Database*; *Database do World Bank*; *Internacional Institute for Democracy and Electoral Assistance*.

Nossa principal variável de interesse é a participação eleitoral. Utilizamos uma medida dicotômica dos entrevistados que votaram nas últimas eleições presidenciais: 1 = Sim, votado; 0 = não, não votou.

As principais variáveis independentes para o nosso estudo estão organizadas em três grupos: recurso, motivação e redes mobilização. O primeiro grupo de variáveis capta a capacidade de voto dos indivíduos. Essa capacidade é determinada pela quantidade de recursos disponíveis para potenciais eleitores. Os principais determinantes da capacidade individual de voto são os atributos socioeconômicos e demográficos. Os atributos socioeconômicos incluem renda e educação. Os atributos demográficos incluem sexo e idade.

As variáveis motivacionais medem o interesse dos indivíduos por questões políticas, sua capacidade de compreender o que está em jogo no processo eleitoral e o grau em que confiam no processo eleitoral e no regime democrático. Este conjunto de variáveis inclui perguntas sobre a satisfação com a democracia, a confiança nas eleições, a eficácia política, o interesse na política, e a identificação da partidária. O terceiro grupo de variáveis independentes busca avaliar a importância de diferentes redes de mobilização eleitoral. Neste caso, avaliamos como a adesão em diferentes organizações sociais e políticas molda a propensão dos indivíduos para votar. Medimos a imersão dos entrevistados em diferentes redes de mobilização (associações voluntárias e Igreja). Consideramos também a posição do entrevistado no mercado de trabalho (status de emprego).

No entanto, esse conhecimento seria incompleto se não tivésemos em conta outras variáveis contextuais que dão forma à participação agregada no nível do país. Por esta razão, também incluímos em nossa análise importantes fatores institucionais, políticos e econômicos que explicam o comportamento agregado. Consideramos o efeito de seis variáveis institucionais, política e contextuais: votação compulsória, tipo de sistema de governo; eleições simultâneas, proximidade dos resultados eleitorais, nível de democracia e produto interno bruto (PIB) por capita. Para testar essas variáveis, propõe-se utilizar a modelagem de regressão logística multinível por permitir integrar dentro de um único modelo analítico variáveis de dois níveis distintos (macro e micro), buscando estabelecer uma relação causal entre os preditores e um fenômeno que adquire concretude operacional em uma variável, critério, "dummy" ou escala. Sendo assim, para rodar o modelo hierárquico será utilizado o *software R*, onde se aplicará o modelo de regressão logística multinível.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante da escassez de pesquisas prévias sobre a participação eleitoral no continente Africano a nível individual, neste trabalho, fazemos uma importante contribuição empírica, avaliando a validade dessas diferentes perspectivas no contexto Africano. Esperamos que uma série de variáveis associadas a essas três perspectivas (motivação, capacidade e redes de recrutamento) também seja correlacionada com a participação eleitoral no continente Africano.

4. CONCLUSÕES

Destacando que ainda estamos em processo de construção da nossa tese. De qualquer maneira, consideramos este trabalho relevante na medida em que possibilitará compreender por que determinados cidadãos africanos são mais engajados eleitoralmente que outros. Assim como suprir a carência de estudos de participação eleitoral nas democracias não estabelecidas. Dando assim, uma visibilidade às democracias africanas, que se enquadram na terceira onda democrática.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Brady, H. E., Verba, S., Schlozman, K. L. Beyond SES: A resource model of political participation. **American Political Science Review**, 89, 271-294, 1995.
- Campbell, A., Converse, P. E., Miller, W. E., Stokes, D. E. **The American voter**. New York, NY: Wiley, 1960.
- CARRERAS, M.; CASTANEDA-ANGARITA, N. Who Votes in Latin America? A Test of Three Theoretical Perspectives. **Comparative Political Studies**, 47 (8), p. 1079-1104, 2014.
- Craig, S. C., Maggiotto, M. A. Measuring political efficacy. **Political Methodology**, 8, 85-109, 1982.
- Ghirardato, P., Katz, J. N. Indecision theory: Quality of information and voting behavior. In: **Social Science Working Paper 1106R**. Pasadena: California Institute of Technology, 2002.
- Hoffmann-Martinot, V. Voter turnout in French municipal elections. In L. Lopez-Nieto (Ed.), **Local elections in Europe**. Barcelona, Spain: Institut de ciències polítiques I socials, 1994. p.13-42.
- Klesner, J. L. Social capital and political participation in Latin America: Evidence from Argentina, Chile, Mexico, and Peru. **Latin American Research Review**, 42, 1-32, 2007.
- Kuenzi, M., Lambright, G. M. S. Who votes in Africa? An examination of electoral participation in 10 African countries. **Party Politics**, 17, 767-799, 2010.
- Norris, P. Democratic phoenix: **Reinventing political activism**. New York, NY: Cambridge University Press, 2002.
- Schlozman, K. L., Verba, S., Brady, H. E. **Unequal and Unrepresented Political: Inequality and the People's Voice in the New Gilded Age**. Princeton And Oxford, Princeton University Press, 2018.
- Smith, A. E. Legitimate grievances: Preferences for democracy, system support, and political participation in Bolivia. **Latin American Research Review**, 44, 102-126, 2009.
- Verba, S., Schlozman, K. L., Brady, H. E. **Voice and equality: Civic voluntarism in American politics**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1995.